

VOL VI

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2023

VOL VI

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juárez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballedo, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, *Universidade Federal do Amazonas, Brasil*
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, *Universidade de Évora, Portugal*
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, *UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil*
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godínez, *Universidad Autónoma de Baja California, México*
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Díaz, *Instituto Politécnico Nacional, México*
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil*
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, *Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil*
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, *Universidade Federal de Goiás, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, *Universidade de Passo Fundo, Brasil*
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, *Universidade Federal de Itajubá, Brasil*
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, *Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil*
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, *Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, *Universidade Federal da Bahia, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, *Universidade Federal do Maranhão, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil*



Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.^a Dr.^a Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol VI / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-80-4

DOI 10.37572/EdArt_280523804

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Sociologia.
I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

Nuevamente tenemos la posibilidad de encontrarnos a través de una publicación, con docentes-investigadores que inquietos por divulgar resultados de sus investigaciones, los reúne la Editora Artemis, en este sexto volumen de la obra titulada ***Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade***. Por nuestra parte, esto significa un acompañamiento desde la organización de los trabajos, teniendo el gran honor que dicha editora nos confía.

El reconocimiento a las prácticas sociales, como una herramienta en la enseñanza histórica y cultural, ha venido ganando terreno en las últimas décadas. Así logra convertirse en un aporte al fortalecimiento en el proceso de enseñanza de disciplinas humanísticas, sociales, exactas y naturales, al tiempo que constituye la esencia de la conservación de saberes culturas, que necesitan del conocimiento escolar y extraescolar.

Aquí se reúnen trabajos de diversos orígenes en cuanto a disciplinas, como de regiones del planeta, que desarrollan propuestas en busca del mejoramiento del aprendizaje, entre ellos de la geografía mediante la geografía cultural, la química, la matemática, idiomas extranjeros, la educación infantil, antropología, entre otras, usando diversos recursos en donde el saber cultural permite conservar costumbres de las regiones. Los aportes históricos, con logros de personalidades de las ciencias, sus pensamientos y descubrimientos, no escapa a las investigaciones sociales, históricos y culturales, aquí desarrolladas.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

Mais uma vez temos a possibilidade de nos encontrarmos por meio de uma publicação, com professores-pesquisadores que, ansiosos por divulgar os resultados de suas pesquisas, são reunidos pela Editora Artemis, neste sexto volume da obra intitulada *Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade*. De nossa parte, isso significa um acompanhamento desde a organização dos trabalhos, tendo a grande honra que o referido Editora Artemis nos confia.

O reconhecimento das práticas sociais, como ferramenta no ensino histórico e cultural, vem ganhando espaço nas últimas décadas. Assim, consegue se tornar uma contribuição para o fortalecimento do processo de ensino das disciplinas humanísticas, sociais, exatas e naturais, ao mesmo tempo em que constitui a essência da conservação do saber cultural, que necessita de saberes escolares e extracurriculares.

Aqui se encontram trabalhos de origens diversas em termos de disciplinas, como regiões do planeta, que desenvolvem propostas em busca da melhoria do aprendizado, entre elas a geografia através da geografia cultural, química, matemática, línguas estrangeiras, educação infantil, antropologia, entre outras, utilizando diversos recursos onde o conhecimento cultural permite preservar os costumes regionais. As contribuições históricas, com as conquistas de personalidades das ciências, seus pensamentos e descobertas, não escapam às investigações sociais, históricas e culturais aqui desenvolvidas.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

REFLEXÕES TEÓRICAS E QUESTÕES PRÁTICAS PARA UMA PEDAGOGIA HOLÍSTICA: O PROJETO LUSÓFONO COM CRIANÇAS E FAMÍLIAS BILÍNGUES EM CONTEXTO MIGRATÓRIO NA ALEMANHA

Helza Ricarte Lanz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238041

CAPÍTULO 2.....17

LA GEOGRAFÍA CULTURAL DE LA CIUDAD DE TOLUCA, UN ACERCAMIENTO A LA CULTURA INMATERIAL DESDE UNA VISIÓN SIMBÓLICA

Agustín Olmos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238042

CAPÍTULO 3.....32

EL USO DE KAHOOT PARA MOTIVAR EL APRENDIZAJE DE IDIOMAS

Bertha Guadalupe Rosas Echeverría

Gabriela Madrigal Barragán

Paola Delfina Chew Pego

Angel David Bustos Núñez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238043

CAPÍTULO 4..... 39

EDUCAÇÃO E ANTROPOLOGIA: ALGUMAS BREVES NOTAS

Hugo Oliveira

Jorge Bonito

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238044

CAPÍTULO 5.....55

ENSINO DA DEFORMAÇÃO DAS ROCHAS: CONTRIBUTOS DAS ATIVIDADES PRÁTICAS

Jorge Bonito

Hugo Oliveira

Celso Dal Ré Carneiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238045

CAPÍTULO 6..... 90

ENSEÑANZA HÍBRIDA EN EL DESARROLLO DE HABILIDADES DE INTERVENCIÓN EN PSICOLOGÍA: EVALUACIÓN METODOLÓGICA Y CONCEPTUAL

Luis Fernando González Beltrán

Olga Rivas García

Guadalupe Mares Cárdenas

Elena Rueda Pineda

Héctor Rocha Leyva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238046

CAPÍTULO 7 100

MUSIC AND ACADEMIC PERFORMANCE IN STUDENTS OF A PERUVIAN PUBLIC UNIVERSITY

Antonia del Rosario Sánchez Gonzales

Marco Antonio Bazalar Hoces

Víctor Marcelino López Lino

Raúl Eleazar Arias Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238047

CAPÍTULO 8..... 109

INNOVACIÓN Y TECNOLOGÍA EDUCATIVA EN LA PRÁCTICA DOCENTE: EXPERIENCIAS DE PROYECTOS INNOVADORES DE EDUCACIÓN SUPERIOR EN LA UNALM- PERÚ, PERIODO 2010-2019

Jorge Alfonso Alarcon Novoa

Elva María Ríos Ríos

Rosa Angela Calderón Zárate

Diego Armando Párraga Leythh

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238048

CAPÍTULO 9..... 119

TEJIDOS EDUCATIVOS DESDE LA EDUCACIÓN POPULAR: CONSTRUYENDO CAMINOS DE CONVIVENCIA Y ESPERANZA

Magda Alicia Ahumada

Stella Pino Salamanca

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238049

CAPÍTULO 10.....135

ANÁLISIS DE LA INTERACCIÓN DOCENTE-ALUMNO COMO VÍNCULO CLAVE PARA EL APRENDIZAJE

María Laura Muruaga
María Gabriela Muruaga
Cristian Andrés Sleiman

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380410

CAPÍTULO 11.....147

MODELIZACIÓN DINÁMICA: SIMULACIÓN DEL PROCESO DE APRENDIZAJE POR MODELOS COMPARTIMENTADOS DISCRETOS

Gustavo Adolfo Juarez
Noelia Saleme
Silvia Inés del Valle Navarro
Luis Ernesto Valdez
María Luz del Valle Quiroga
Sonia Laura Mascareño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380411

CAPÍTULO 12.....154

MODELIZACIÓN DINÁMICA DEL RENDIMIENTO ENTRE ASIGNATURAS CORRELATIVAS MEDIANTE MODELOS COMPARTIMENTADOS DISCRETOS

Deborah del Carmen Turraca
Pedro José Salim Rosales
Anabela Beatriz Serrano
Silvia Inés del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380412

CAPÍTULO 13.....163

DESARROLLO COGNITIVO INFANTIL Y SU EVALUACIÓN EN ETAPAS PREESCOLARES

Miguel Alberto Montañez Romero
Liney Mendez Escallon

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380413

CAPÍTULO 14.....172

MÉTRICAS ALTERNATIVAS COMO MÉTODO DE INVESTIGACIÓN

Nelson Javier Pulido Daza

Linamaria Pinzón Valencia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380414

CAPÍTULO 15..... 189

RELACIÓN E IMPACTO CLÍNICO DEL INSOMNIO A CORTO Y LARGO PLAZO EN LA SALUD MENTAL DE LOS ESTUDIANTES

Martha Rosales Aguilar

José Luis Lugo Balderas

Manuel Alejandro López Ortega

María de los Remedios Sánchez Díaz

Paris Astrid Mier Maldonado

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380415

CAPÍTULO 16..... 198

EGAS MONIZ E A ORDEM MORAL

Manuel Correia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380416

CAPÍTULO 17204

A ADOLESCÊNCIA E A RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS NO SÉCULO XXI: UM ESTUDO QUALITATIVO

Sandra Ribeiro Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380417

CAPÍTULO 18.....218

NODOS CRÍTICOS Y POTENCIALIDADES EN LAS COOPERATIVAS SOCIALES

Clara Betty Weisz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380418

CAPÍTULO 19.....229

O RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Fernando Neves

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380419

CAPÍTULO 20244

AFROMEXICANOS: DESCOLONIALIDAD Y SOCIOETNOGÉNESIS

Gabriel J Saucedo Arteaga

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380420

CAPÍTULO 21265

ANÁLISE SOBRE A CONSTITUIÇÃO DAS ONGS BRASILEIRAS A PARTIR DOS CONCEITOS DE CAPITAL SOCIAL E REDES SOCIAIS

Rodrigo Guimarães Motta

Francisco José Turra

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380421

CAPÍTULO 22 278

LA GÉNESIS DE LA IDEA DE VOLUNTAD, UN TRÁNSITO NECESARIO PARA LLEGAR A LA LIBERTAD EN LA INTRODUCCIÓN DE LA FILOSOFÍA DEL DERECHO DE HEGEL

Teresa Evita Concha López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380422

CAPÍTULO 23290

WITTGENSTEIN Y LA CUESTIÓN EL REALISMO

María Sol Yuan

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380423

CAPÍTULO 24307

ALGUNOS APUNTES SOBRE LA CORRIENTE MERCANTILISTA EN LA HISTORIA DE LA ECONOMÍA OCCIDENTAL

Antonia del Rosario Sánchez Gonzales

Marco Antonio Bazalar Hoces

Víctor Marcelino López Lino

Raúl Eleazar Arias Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380424

CAPÍTULO 25317

NUEVO MODELO DE CIUDADES INTELIGENTES PARA EL ESTADO DE TAMAULIPAS,
MÉXICO, 2023

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Joel Luis Jiménez Galán

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380425

CAPÍTULO 26330

EL BIENESTAR EN EL ESTADO BOLÍVAR DESDE LA PERSPECTIVA DE LAS MUJERES

Aiskel Andrade Montilla

Jesús Medina Maldonado

Otaiza Cupare Castro

Marian Ojeda Carrillo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380426

CAPÍTULO 27 340

LA AMISTAD QUE NOS LEGÓ UN SÍMBOLO PATRIO: MANUEL BELGRANO Y LA
FAMILIA ECHEVARRIA

Silvina Balma

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380427

CAPÍTULO 28351

EL TRIÁNGULO BRITÁNICO DE CONTROL GEOPOLÍTICO EN EL ÍNDICO Y EL
ATLÁNTICO: EL PELIGRO CHINO

Javier Fernando Luchetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380428

SOBRE OS ORGANIZADORES361

ÍNDICE REMISSIVO362

CAPÍTULO 18

NODOS CRÍTICOS Y POTENCIALIDADES EN LAS COOPERATIVAS SOCIALES

Data de submissão: 07/04/2023

Data de aceite: 20/04/2023

Clara Betty Weisz

Dra. en Sociología

Facultad de Psicología

Universidad de la República

Montevideo, Uruguay

<https://orcid.org/0000-0002-5729-3698>

RESUMEN: Las Cooperativas Sociales, surgidas en el marco de las políticas sociales de los gobiernos progresistas en la región -Argentina, Brasil y Uruguay-, operando como ventana de oportunidad para todos los involucrados: la institucionalidad pública-estatal, el movimiento cooperativo y cierto sector poblacional en situación de extrema pobreza, precariedad y vulnerabilidad, que se incorpora por primera vez, a este dispositivo de la Economía Social. En Uruguay las condiciones de posibilidad estuvieron dadas particularmente por el reconfigurado rol del Estado que retoma el legado estatal proteccionista y por la prolifera historia del movimiento cooperativo, así como la receptividad de un sector poblacional en procura de un trabajo formal. Desde un abordaje cualitativo, se relevó material secundario en relación con el debate parlamentario, informes

y evaluaciones cuantitativas y cualitativas realizadas por los equipos técnicos. A su vez, se realizaron entrevistas en profundidad a los actores institucionales y a las organizaciones sociales del sector cooperativo; así como también se llevaron adelante historias de vida a integrantes de las Cooperativas Sociales. La experiencia da cuenta de las múltiples tensiones que se producen al afrontar colectivamente el mundo del trabajo, conjugando a la vez, procesos de subjetivación heterónomos y la dependencia del Estado; a la vez que experiencias significativas que forman y transforman los sentidos.

PALABRAS CLAVE: Economía social. Cooperativas sociales. Políticas sociales. Metodología cualitativa. Historia de vida.

CRITICAL NODES AND POTENTIAL IN SOCIAL COOPERATIVES

ABSTRACT: The Social Cooperatives, emerged within the framework of the social policies of the progressive governments in the region -Argentina, Brazil and Uruguay-, operating as a window of opportunity for all those involved: public-state institutions, the cooperative movement and a certain population sector. in a situation of extreme poverty, precariousness and vulnerability, which is incorporated for the first time into this device of the Social Economy. In Uruguay, the conditions of possibility were given particularly by the reconfigured role of the State that

resumes the protectionist state legacy and by the proliferating history of the cooperative movement, as well as the receptivity of a population sector in search of a formal job. From a qualitative approach, secondary material was surveyed in relation to the parliamentary debate, reports and quantitative and qualitative evaluations carried out by the technical teams. In turn, in-depth interviews were conducted with institutional actors and social organizations in the cooperative sector; as well as life stories of members of the Social Cooperatives were carried out. The experience accounts for the multiple tensions that are produced when collectively facing the world of work, combining at the same time, processes of heteronomous subjectivation and dependence on the State; at the same time as significant experiences that form and transform the senses.

KEYWORDS: Social economy. Social cooperatives. Social policy. Qualitative methodology. Life stories.

1 INTRODUCCIÓN

Se procura contribuir al debate teórico y al análisis de un dispositivo de la Economía Social generado en el marco de las políticas sociales durante los gobiernos progresistas en la región. Específicamente se analiza la experiencia de las Cooperativas Sociales en Uruguay (Weisz, 2019), que se constituyen en la primera herramienta creada y votada por todos los partidos con representación parlamentaria, con el propósito de amortiguar la aguda crisis económica y social producida por el neoliberalismo. Esta herramienta que se configura a partir de un formato híbrido que combina políticas sociales de inserción socio-laboral con el modelo cooperativo, se supuso transitoria, pero continuó vigente incorporado a un sector de la población que hasta el momento había tenido muy escasa o nula vinculación con los fundamentos y la práctica del cooperativismo y la Economía Social y Solidaria.

Resulta entonces, de relevancia social y pertinencia académica, profundizar en el análisis de esta herramienta que, si bien se ubica como estrategia de respuesta a la precariedad laboral y mecanismo de apoyo a la pobreza, el devenir de la experiencia fue generando aprendizajes, redes de solidaridad y ampliación del espacio público. De este modo la evidencia empírica da cuenta que los motivos o las circunstancias de surgimiento, condicionan y presionan sobre los procesos de subjetivación heterónomos, sobre la reproducción de la dominación, la estigmatización interiorizada y la dependencia del Estado, obturando el desarrollo de pensamiento crítico; a la vez que y simultáneamente, las vivencias y el devenir de la práctica, forman y transforman los sentidos. En esto radica el interés por indagar acerca de los aprendizajes significativos de haber afrontado de modo colaborativo, asociativo y autogestionado problemáticas, lo cual conlleva la restitución de derechos, la ampliación de la democracia y el despliegue de economías solidarias, donde el centro sea la persona y la reproducción de la vida y no la acumulación del capital.

A tales efectos, se llevó adelante un amplio relevamiento documental de fuentes secundarias: el debate parlamentario la Ley N.º 17.978 que les da origen; de los informes y evaluaciones cuantitativas y cualitativas realizadas por los equipos técnicos, entre otros registros. A su vez se realizaron trece entrevistas en profundidad a actores con capacidad de decisión dentro de la institucionalidad pública y a representantes de las organizaciones sociales del movimiento cooperativo. Y, por último, pero no de menor relevancia, se destaca la realización de historias de vida, implementadas a través de la técnica gráfica y narrativa de la trayectoria sociolaboral, realizadas desde la perspectiva epistemológica y la estrategia metodológica de la Sociología Clínica (Araújo, 2011, De Gaulejac, 2019), lo que posibilita el análisis diacrónico y sincrónico, multidimensional e interdisciplinario; permitiendo de este modo articular los condicionamientos socio-históricos, las dinámicas institucionales y los procesos de transformación intersubjetiva en la construcción de sentido que se produce a partir de hitos disruptivos en la trayectorias sociales y singulares.

2 CONDICIONES DE SURGIMIENTO

Los antecedentes dan cuenta que la aprobación de la ley en Uruguay (2006), es posterior a la que las origen de las Cooperativas Sociais en Brasil (1999), donde siguiendo el modelo italiano, contienen un marcado componente antimanicomial; y anterior al surgimiento en Argentina (2009) que las implementa en el marco de los planes y programas del Ministerio de Desarrollo Social de la Nación (MDS): Plan Nacional de Desarrollo Local y Economía Social Manos a la Obra, Programa de Ingreso Social con Trabajo y Programa Argentina Trabaja). También se establece que estén regidas el Instituto Nacional de Asociativismo y Economía Social (INAES).

Si bien hay similitudes entre los tres países de la región, en Brasil quedan ubicadas institucionalmente en el Departamento de Economía Social del Ministerio de Trabajo y dentro del Sistema de Información en Economía Solidaria, siendo que de este modo quedan formando parte de las políticas universales del mundo del trabajo; mientras que en Argentina y en Uruguay, quedan circunscriptas dentro las políticas focalizadas de los ministerios de desarrollo social. Pero a su vez, existen importantes diferencias entre Uruguay y Argentina dado que en este último cada titular recibe un monto fijo mensual que le es depositado en su cuenta personal, independiente de que se le haya asignado a la cooperativa alguna obra, algún servicio o la generación de productos, siendo que en Uruguay la remuneración depende del o los contratos de trabajo firmados con la o las contrapartes, que mayormente son tareas de mantenimiento y limpieza dentro de la institucionalidad pública (Weisz. 2021).

Por último, pero no de menor relevancia, una diferencia sustantiva entre los tres países refiere a que en Argentina y Brasil esta política social fue eliminada o cancelada, y en Uruguay aún está vigente la Ley que les dio origen, aunque la histórica precariedad del sistema de contratación, se hace cada vez más manifiesta, a partir del retorno de políticas con un fuerte componente neoliberal, que propician el retraimiento del papel del Estado.

Cabe resaltar que a pesar de los períodos de crecimiento económico las Cooperativas Sociales se incrementaron entre 2008 – 2018 en un 243%, ascendiendo en 2019 a más de 350 grupos cooperativos en el marco de trabajo protegido y promovido por el Ministerio de Desarrollo Social (INACOOP, 2020). Sin embargo no se ha podido superar el cuello de botella que implica el pasaje a cooperativa de producción, a pesar de los intentos realizados con apoyo del MIDES, desde la Federación de Cooperativas de Producción del Uruguay (FCPU), desde el Centro Cooperativista del Uruguay (CCU), desde el Instituto Nacional de Formación Profesional (INEFOP) y desde organizaciones de la sociedad civil (OSC) en diversos puntos del territorio nacional, con la finalidad promover el muy complejo pasaje de Cooperativa Social a Cooperativa de Producción (Weisz, 2021).

Se presentan entonces resultados de la Tesis de Doctorado “ La construcción de sentido en las Cooperativas Sociales” (Weisz, 2019) , deteniéndose el presente artículo en las condiciones sociohistóricas que dieron lugar al su surgimiento, así como el análisis de las fortalezas y limitantes identificados a lo largo del proceso.

3 LAS VENTANAS DE OPORTUNIDAD POLÍTICA

Remontándonos a la historia reciente, la ventana de oportunidad (Tarrow, 1997) de la Economía Social en la crisis de principios del milenio, fue apuntalada a nivel internacional por la Recomendación 193 de la Organización Internacional del Trabajo , en relación con la promoción del cooperativismo por parte de los Estados a través del lineamientos, marcos jurídicos y políticas fiscales apropiadas, tales como generar institucionalidad específica y dar prioridad en las compras públicas, en el entendido de que desempeña un papel importante en la lucha contra la pobreza y en la generación de puestos de trabajo que facilitan el acceso a servicios sociales y comunitarios, así como también fomentan la ayuda mutua y pueden servir de puente para lograr la inclusión de personas que trabajan en el sector informal a la economía (OIT, 2002).

Del análisis surge que mas allá de divergencias y diferencias, los actores sociales involucrados en esta experiencia, ya sea que pertenecieran al ámbito gubernamental, formaran parte de las organizaciones del sector cooperativo, o se trate de los propios integrantes de una Cooperativa Social, parece existir una representación común y

compartida en torno a la validez de este mecanismo para enfrentar la crisis producida por el modelo neoliberal. Mas aun sostienen que esta herramienta contiene la particularidad de posicionarse desde un subsistema de la economía capaz de promover la reproducción valores humanitarios.

Una primer ventana de oportunidad habilitante del surgimiento a nivel regional y local tuvo que ver con el acceso del gobierno progresista Frente Amplio en 2005, donde se promulgaron una serie de leyes tendientes a potenciar el desarrollo del sector cooperativo, de gran arraigo en nuestro país. En este marco, en 2006 la Ley N°17.978 crea las Cooperativas Sociales, las que en el marco del universalismo renovado que mantiene políticas focalizadas (Midaglia et.al, 2010) quedan bajo la órbita del MIDES. Otros hitos fundamentales del período fueron la ley General de Cooperativas - Ley 18.407- promulgada en 2008; la creación al año siguiente del Instituto Nacional del Cooperativismo –INACOOOP-, y en 2010 la Ley 18.716 que modifica la Carta Orgánica del Banco República para crear el Fondo para el Desarrollo –FONDES-, que luego es redirigido en 2015 en detrimento de la autogestión. Si bien todo ese impulso fue frenado en el último período las iniciativas parlamentarias recientemente aprobadas, en diciembre de 2019, la Ley de promoción de la Economía Social y Solidaria, que propone definirla y fomentarla, delimita los principios orientadores, las entidades o formas de expresión, y ahora resta avanzar en la organización y el registro (Rieiro et.al, 2019).

Cabe aclarar que la ley que fue aprobada con el acuerdo de todos los partidos políticos con representación parlamentaria y que de los argumentos vertidos durante el debate parlamentario se desprende que la representación social mayoritaria (Moscovici, 1986) se aproxima a la tradición de la Economía Social que aparece por primera vez con el economista liberal Charles Dunoyer (1786-1862), quien propulsaba un enfoque moral de la economía a favor de lo humano y no de la riqueza, en los turbulentos comienzos del capitalismo industrial, fundándose una multiplicidad de asociaciones de ayuda mutua, mutuales, de socorro mutuo, entre otras. Dicha representación social se distancia por tanto, de la tradición latinoamericana de Economía Solidaria con horizontes de transformación social, o de la de los movimientos autogestionarios de raigambre obrera.

Tal como lo muestran los registros históricos el movimiento cooperativo nace tempranamente en Uruguay base a una incipiente industrialización y urbanización, en estrecha vinculación con el arribo de trabajadores inmigrantes europeos cercanos al anarco-sindicalismo (Errandonea y Supervielle, 1992). Sin embargo, la disputa entre el modelo cooperativo, el lugar del mercado, y del Estado no forma parte del debate ni de las tensiones entre los actores involucrados.

Con este proyecto damos un marco jurídico a un instrumento nuevo como son las Cooperativas Sociales, que –reitero– no son más que cooperativas de trabajo con un fin muy específico y acotado: la generación de autoempleo para las personas que están fuera del mercado de trabajo, que sufren exclusión social y que deben ser incluidas en el mercado formal de trabajo. Creemos que este es un instrumento válido e ingenioso que, además, se está utilizando con éxito en varios países. (Cámara de Representantes, Diario de Sesiones N°3.332, 2006, p. 5).

Específicamente la fundamentación del proyecto de Ley hace referencia al modelo europeo de Economía Social de las últimas décadas del siglo XX, coincidiendo en que se caracteriza por reconocer el carácter democrático y distributivo de este tipo de iniciativas que articulan mercado, Estado y solidaridad. Chaves y Monzón (2008) afirman que la Economía Social se ha afirmado por capacidad para contribuir eficazmente a la resolución de los nuevos problemas sociales, se ha consolidado dando estabilidad y sostenibilidad del crecimiento económico, ha logrado ajustar los servicios con las necesidades, desde una distribución más equitativa de la renta y la riqueza, y, en suma, ha contribuido a profundizar la democracia.

Para el diseño de las mismas a nivel local y regional, se toma el modelo italiano que prosigue la integración social a partir de dos tipos: las de clase A que se ocupan de la gestión de espacios sociosanitarios y educativos realizando diversos servicios de acompañamiento a niños o a personas con discapacidades; y las de tipos B que llevan a cabo actividades agrícolas, industriales, comercio o servicio tendientes a la inserción social de personas desfavorecidas. Se definen como empresa social, un tipo de organización privada que operan con el objetivo de aportar ventajas y beneficios a la comunidad de referencia (Maiello, 2001). Es así que desde el Comité Económico y Social Europeo (CESE) se reivindica este tipo de actividad económica que ha tenido un fuerte desarrollo.

El surgimiento estuvo dado entonces, a partir de un reconfigurado papel del Estado en el marco de los gobiernos progresistas de la región que, luego de la crisis y del posconsenso de Washington, reconstruyen y diseñan la matriz de bienestar y protección social. Ciertamente la preocupación de la institucionalidad por encontrar *rutas de salida* hizo sinergia con el interés de cierto sector poblacional que junto con la transferencia monetaria, los planes de alimentación y los formatos de trabajo protegido de corta duración por los que habían transitado, se encuentran ávidos por lograr continuidad laboral y estabilidad vital.

De lo antedicho se desprende que en un primer momento los directamente involucrados no tienen interés por el modelo cooperativo, sino que procuran formar parte de las políticas sociales desde la dignidad del trabajo, lo cual los aleja de la identidad de la asistencia (De la Serna, 2010) como modo de vida. En sí las expectativas están

principalmente en el Estado como proveedor de empleo. Es decir, la fuerte crítica respecto de la relación de dependencia con el Estado, o su correlato la ausencia de autonomía, no parecen ser un problema para quienes vienen de una larga trayectoria, y en varios casos de varias generaciones, de desamparo del sistema de bienestar y protección social. Lo mismo ocurre con el cuestionamiento acerca de la ubicación de este dispositivo dentro de las políticas de inserción sociolaboral del MIDES, en lugar de formar parte de las políticas públicas universales. La segmentación institucional que refuerza el carácter asistencial y reduce las posibilidades de alianzas con otros actores (Antia et. al, 2013), no resulta de recibo para los directamente involucrados. Así como tampoco cuestionan la incertidumbre y el desgaste que implica estar inserto en el mundo del trabajo a través de una ocupación autogenerada (Weisz, 2018).

Otra ventana de oportunidad política que hizo posible el surgimiento de las Cooperativas Sociales, lo conforma la profusa historia del movimiento cooperativo dentro de la corta historia nacional. A lo largo del Siglo XX lo ha posicionado como corriente alternativa al modelo hegemónico, a la vez que ha tenido un efecto amortiguador en las cíclicas crisis del estado desarrollista. Se destaca el sistema de vivienda de propiedad colectiva vigente desde 1966, cuya organización de segundo grado, la Federación Uruguaya de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua (FUCVAM), ha sido protagonista de múltiples luchas y resistencias a la dictadura y al neoliberalismo. Este sistema constructivo y de organización solidaria ha crecido en el entorno de un 60% durante el período, llegando a cubrir el 2% de los hogares en el país (INACOOOP, 2020).

Asimismo se destaca que las fábricas recuperadas por sus trabajadores durante la crisis de comienzo del presente milenio, asumieron mayormente la figura jurídica cooperativa (Guerra, 2014; Martí, 2011). En este sentido quienes sufrieron el desempleo vivido como catástrofe, como suceso imprevisto que desorganiza y afecta todos los ámbitos de la existencia con repercusiones no solo económicas sino también sobre la desestructuración identitaria, la desorganización espacio-temporal, expresándose a través de una multiplicidad de patologías psicosomáticas (Araújo, 2004), padeciendo efectos que perduran en el tiempo, dejando huellas y marcando la construcción de sentido en el pasaje de trabajador dependiente a cooperativista. Este proceso, que ha sido extensamente estudiado dada su recurrencia en los procesos de recuperación y autogestión obrera, también se presenta cuantitativamente en menor escala, pero cualitativamente relevante en los integrantes de las Cooperativas Sociales que devienen del trabajo formal de larga data.

Pero aunque nuestro país el modelo cooperativo tiene una larga y fecunda trayectoria que se remonta a 1870, tal como se puede visualizar en la reconstrucción

de la historia, descripción y análisis del cooperativismo en Uruguay realizados por Terra (1986), Errandonea y Supervielle (1992), Isola y Martí (2015), una rápida asimilación entre dicha historia y este nuevo dispositivo resulta improcedente e inadecuado. El perfil de la población que las compone atravesada por múltiples vulnerabilidades y caracterizada por la desafiliación social, trayectorias laborales fragmentadas mayormente vinculadas con la informalidad, así como la ausencia de experiencia de participación en organizaciones sociales o sindicales, no permiten derivar una relación lineal con el legado cultural y simbólico del cooperativismo.

Sin embargo existe cierta coincidencia entre los actores institucionales que representan al gobierno y las organizaciones que nuclean al movimiento cooperativo, en tanto ambos entienden que la crisis producida por el neoliberalismo ha generado una situación de emergencia social, que habría llegado a la categoría de catástrofe dada la extensión y las características del daño provocado, haciendo que las estrategias de salida y las posibilidades de recuperación no puedan ser afrontados con los recursos objetivos y subjetivos de el sujeto y su entorno disponen, lo cual conduce a la necesidad de este tipo de políticas sociales.

Me anoté enseguida, tenía todas las condiciones porque a mi edad, con 52 años y segundo de liceo estaba sin trabajo, aunque trabajé desde siempre desde chica, en ese momento hacía feria, y ahora sigo haciendo los domingos, pero en ese momento hacíamos todos los días y mi hija que me acompañaba. En 2007 me llamaron de Uruguay Trabaja y a los 8 meses cuando se estaba por terminar yo pregunté si había una posibilidad de seguir trabajando...y nos dijeron de formar una cooperativa con los compañeros que hicimos todos los cursos... Cuando nos tocó hacer el curso de cooperativismo yo feliz, feliz, muy agradecida porque quería salir adelante y fue muy positivo todo lo que vivimos (Integrante de Cooperativa Social, setiembre 2017).

Estas nuevas subjetividades tensionan el campo que nos ocupa, en tanto el prolifero movimiento cooperativo supo nutrirse históricamente de sectores obreros, con formación sindical y experiencia en participación en organizaciones sociales con un fuerte compromiso político y social. De este modo, la tensión entre integrar una cooperativa como salida laboral y formar parte del movimiento cooperativo, se expresa en el aval crítico hacia esta figura, considerada por algunos como pseudocooperativa, en el entendido que la autonomía está restringida en función de los requisitos y reglamentos impuestos desde el Estado, y debido a que los potenciales integrantes se estarían aproximando por primera vez a este formato, sin necesariamente tener formación o interés por el cooperativismo. De esta manera, el aval fue dado en tanto experiencias precooperativas, que otorgan la oportunidad de ampliar la base gremial promoviendo los principios y valores hacia sectores donde aún el movimiento no se encontraba presente.

4 NUDOS CRÍTICOS Y POTENCIALIDADES

Si bien la referencia inicial es al modelo europeo –particularmente español e italiano - de economía social, entendida como herramienta compensatoria, de atención y apoyo a la población afectada por las profundas inequidades del sistema imperante, deslindándose de sentidos contrahegemónicos; la vivencia en espacios colectivos, de respuesta asociativa a los problemas sociales, familiares e individuales, forma y transforma a quienes transitan por la experiencia de modo significativo, disputando sentidos, ampliando la economía y profundizando la democracia.

Todo fenómeno articula entonces, condiciones materiales de existencia con la construcción de subjetividad. Las condiciones de surgimiento, el contexto geopolítico del capitalismo globalizado; la era progresista (Garcé y Yaffé, 2011) coyuntural de la región; la correlación de fuerzas a nivel nacional con el primer gobierno del Frente Amplio; la recomendación de organismos internacionales; los precedentes internacionales de la Economía Social; la larga y prolifera historia del movimiento cooperativo nacional; se conjugaron con un sector de la población relegada de los regímenes de bienestar, sin acceso al trabajo formal y las políticas sociales.

Estas microexperiencias que resultan de carácter compensatorio restituyen derechos, enfrentan simultáneamente un complejo proceso de aprendizaje en relación con el modelo autogestivo vinculado con las decisiones colectivas, junto al desafío de llevar adelante un modelo alternativo de organización del trabajo, estando inmersas en la lógica del mercado capitalista actual, a la vez que se encuentran inscritas y delimitadas dentro de los lineamientos de una política social focalizada.

Las Cooperativas Sociales suceden, por tanto, en el interjuego entre lo instituido y lo instituyente (Castoriadis, 1989), y es en este marco que acontece el despliegue de sentidos, de significantes y de subjetividades, en tanto proceso individual y colectivo inacabado donde se van formando los anudamientos sociopolíticos y psicosimbólicos, del orden de lo histórico, lo económico, lo institucional, y lo psíquico, entre otros.

Si bien ciertamente el devenir de la experiencia genera un hito en sus biografías y aporta al reconocimiento, el riesgo y la paradoja de construir subjetividades heterónomas no puede perderse de vista. Transitar por una experiencia autogestionaria tiene la potencia de fortalecer procesos de empoderamiento, transformar las representaciones sociales, reforzar la autoestima e incrementar la autonomía del sujeto; los acontecimientos vividos articulan con las los contextos sociohistóricos que se inscriben en los cuerpos.

Las Cooperativas Sociales, en tanto conjunto de prácticas, promueven el ejercicio democrático de la toma de decisiones compartidas e incentivan relaciones sociales

de cooperación, pero este ejercicio de gestión horizontal del bien común no llega a conformarse en autogobierno (Rosanvallon, 2015), entendido como soberanía y ámbito del espacio público donde se delibera y se disputan intereses, en la medida en que predomine la heteronomía.

Difundir, debatir y contribuir a producir conocimiento que sistematice la experiencia, desde la teoría crítica y con evidencia empírica, permite comprender este dispositivo de la economía social que transforma la vida cotidiana, los vínculos primarios, los lazos con las instituciones y con el Estado. Religar política y vida cotidiana conlleva a repensar la continuidad de las Cooperativas Sociales en este nuevo contexto de repunte del neoliberalismo y de crisis mundial, donde trabajadores quienes han estado desde siempre silenciados y relegados, formen parte de una economía ampliada que priorice la sostenibilidad de la vida sobre la acumulación de capital, procurando revertir la explotación del trabajo y las inequidades jerárquicas, aportando al amplio campo de la 'otra economía', social y solidaria.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antía, F. y Castillo, M., Fuentes, G. y Midaglia, C. (2013). La renovación del sistema de protección uruguayo. El desafío de superar la dualización. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, 22 (2), 171-194. http://dt.csic.edu.uy/adjuntos/produccion/1178_academicas_academicaarchivo.pdf

Araújo, A. M. (comp.) (2011). *Sociología clínica. Una epistemología para la acción*. Psicolibros.

Araújo, A.M. (coord.) (2004). *Impactos del Desempleo: Transformaciones en la subjetividad*. Argos.

Cámara de Representantes (2006). Diario de Sesiones Nº 3.332. <https://parlamento.gub.uy/documentosyleyes/ficha-asunto/28867/tramite>

Castoriadis, C. (1989). La institución imaginaria de la sociedad. Tusquets.

Chaves, R.; Monzón, J. L. (2008). Panorama de la investigación en Economía social. *Estudios de Economía Aplicada*, 26 (1), 29-55. <https://www.redalyc.org/pdf/301/30114081002.pdf>

De Gaulejac, V. (2019). Elecciones y soportes metodológicos. En *La neurosis de clase. Trayectoria social y conflictos de identidad*. (325-355). Sapere Aude.

De la Serna, C. (2010). *Transformaciones del mundo del trabajo. Representaciones, prácticas e identidades*. CLACSO-CICCUS.

Errandonea, A. y Supervielle, M. (1992). *Las cooperativas en el Uruguay. Análisis sociológico del primer relevamiento nacional de entidades cooperativas*. Fondo Cultura Universitaria.

Guerra, P. (2014). La autogestión en el marco del segundo gobierno del Frente Amplio. La impronta del Presidente Mujica y el FONDES. *Revista Estudios Cooperativos*, 18 (1) 11-34. <https://www.extension.udelar.edu.uy/blog/books/revista-estudios-cooperativos-vol-18-no-1-y-2-2013/>

- INACCOOP (2020). Informe de transición 2015-2020. https://1325db5c-e15e-4aa7-966f-497b963c5be3.filesusr.com/ugd/356d79_a084e1e250024d2992931151d516ebf0.pdf
- Isola, G. y Martí, J. (2015). El significado y el proceso del cooperativismo uruguayo a treinta años del trabajo de Juan Pablo Terra. En Terra, J. P. (2015) *Proceso y significado del cooperativismo uruguayo*, 11-30. Instituto Humanista Cristiano Juan Pablo Terra.
- Maiello, M. (2001). La cooperación social en Italia en el movimiento cooperativo y en el sector no lucrativo. *Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, (37) 177-202. <http://www.redalyc.org/pdf/174/17403708.pdf>
- Martí, J. P. (2011). Legislación y fomento del cooperativismo en Uruguay: Esfuerzos espasmódicos, fragmentarios y reactivos. *Revista de Estudios Cooperativos* 16 (2). 10 – 26. <https://www.extension.udelar.edu.uy/blog/books/revista-estudios-cooperativos-vol-16-no-2-2011/>
- Midaglia, C. y Castillo, M. y Fuentes, G. (2011). El Significado Político del Ministerio de los Ministerios Sociales en Argentina, Chile y Uruguay. *Revista Chilena de Administración Pública*, (15-16), 123-154. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3395191>
- Moscovici, S. (comp.) (1986). *Psicología social*. Paidós.
- Organización Internacional del Trabajo (OIT) (2002). Recomendación sobre la promoción de las cooperativas. https://www.ilo.org/dyn/normlex/es/fp=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_ILO_CODE:R193
- Poder Legislativo (2006). Ley Nº 17.978, Regulación de Cooperativas Sociales. <https://parlamento.gub.uy/documentosyleyes/leyes/ley/17978>.
- Rieiro, A., Weisz, C y Tommasino, N. (2019). Epistemologías «otras» para las economías alternativas. Reflexiones desde Uruguay. Santamaría, E, Yuffra, L. y de la Haba, J. (eds.) *Investigando Economías Solidarias (acercamientos teórico-metodológicos)*. 43-52, ERAPI – ICA. https://base.socioeco.org/docs/investigando-economias-solidarias_digital.pdf
- Rosanvallón, P. (2015). *El buen gobierno*. Manantial.
- Tarrow, S. (1997). *Poder en movimiento. Movimientos sociales, acción colectiva y política de masas en el Estado moderno*. Alianza.
- Weisz (2018). Los sentidos y el devenir de la Economía Social y Solidaria: obstáculos y facilitadores. En Guerra, P. (coord.) *Aportes desde la Universidad de la República al campo temático de la Economía Social y Solidaria*. 83-98. <https://publicaciones.fder.edu.uy/index.php/book>
- Weisz, C. (2019). *La construcción de sentido en las Cooperativas Sociales*. Facultad de Ciencias Sociales. [tesis de doctorado, no publicada. Universidad e la República de Uruguay].
- Weisz, C.B. (2021). Las Cooperativas Sociales en Uruguay:tensiones y potencialidades. *Revista Idelcoop*, 233, 76-91 <https://www.idelcoop.org.ar/revista/233/cooperativas-sociales-uruguay-tensiones-y-potencialidades>

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, IV, V) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándome en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, IV, V) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academic performance 100, 102, 108, 216

Adolescência 204, 205, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Afrodscendentes 120, 244, 245, 246, 251, 254, 256, 258, 264

Ambiente virtual 90, 93

Antropologia 39, 40, 43, 52, 53, 254, 259, 260, 261, 263, 264, 280

Aprendizaje 32, 33, 34, 90, 91, 92, 96, 97, 98, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 123, 129, 130, 135, 136, 137, 139, 141, 145, 146, 147, 148, 150, 155, 165, 176, 177, 226

Aptitudes 163, 165, 166, 171

Atlântico 351, 353, 355, 356, 357, 358, 359, 360

B

Bandera Argentina 340

Bienestar 21, 223, 224, 226, 308, 311, 316, 330, 331, 332, 333, 339

Biografia 198, 202

B-learning 90, 91, 92, 97

C

Cadena de Markov 155, 157

Calidad educativa 109

Capital social 265, 266, 267, 270, 271, 274, 275, 276, 277, 326

China 197, 216, 351, 352, 353, 354, 355, 357, 358, 359

Ciudades Inteligentes 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 326, 327, 328, 329

Coefficiente de correlación 163, 166, 167, 168

Condiciones de vida 129, 330, 331, 332, 335, 337, 338

Cooperativas sociales 218, 219, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228

Crianças bilíngues 1, 2, 13, 14, 15

Cultura 17, 18, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 37, 46, 49, 50, 51, 123, 126, 127, 128, 132, 175, 177, 187, 227, 247, 249, 250, 256, 257, 260, 262, 263, 289, 318, 326, 339

Cultura y tradiciones 32

D

Desarrollo cognitivo 163, 164, 165, 166, 169, 170

Descolonización 244, 246, 247, 251, 252, 260, 262

Desigualdades 120, 260, 270, 330, 331, 333

Diamond 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 302, 303, 305

E

Economía 109, 111, 113, 116, 134, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 307, 308, 309, 312, 313, 315, 316, 318, 322, 328, 339, 353, 359, 360

Economía social 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 228

Ecuaciones en Diferencias 148, 149, 150, 153, 155, 162

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 14, 16, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 52, 54, 55, 59, 88, 108, 213, 243, 273, 274, 276

Educação Básica 55

Educação infantil holística 1

Educación 19, 22, 31, 37, 53, 89, 91, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 143, 150, 162, 177, 178, 185, 188, 196, 278, 307, 318, 325, 326, 330, 332, 333, 335, 336, 340, 341

Educación Popular 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134

Educación superior 91, 100, 109, 110, 307

Egas Moniz 198, 199, 200, 201, 202

Enseñanza-aprendizaje 109, 113, 115, 117

Escuela 103, 108, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 132, 149, 172, 259, 308, 339, 348, 349

Estado de Tamaulipas 317, 322, 329

Estudiantes 90, 91, 92, 93, 95, 98, 100, 108, 114, 115, 117, 118, 123, 124, 135, 146, 148, 155, 172, 179, 185, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 256, 257, 316, 326

Estudiantes de Psicología 90, 93, 98

F

Familia Echevarría 340

Filosofía del derecho 278, 279, 282, 283, 287, 289

Focus group 204, 208, 209, 210, 214, 215, 216

G

General Franco 229, 230, 235

Geociências 55, 65, 85, 87, 88

Geologia 55, 63, 89

Geopolítica 253, 254, 351, 352, 359, 360

Gran Bretaña 351, 353, 355, 356, 357, 358, 359
Grounded theory 204, 208, 216
Grupo étnico 244, 249, 253
Guerra Civil 229, 232, 235, 239, 241, 242, 243, 248, 249

H

Hegel 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 302
Historia 8, 14, 46, 52, 126, 129, 134, 192, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 218, 221, 224, 225, 226, 229, 230, 231, 237, 242, 244, 245, 247, 248, 250, 251, 254, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 271, 282, 288, 289, 296, 298, 307, 308, 316, 332, 340, 342, 343, 345, 346, 348, 349, 350, 360
História da Psiquiatria 198, 202
Historia de vida 14, 218
Historia social 244, 247, 260, 261, 263, 264

I

Identidad 17, 18, 26, 29, 32, 130, 146, 179, 180, 181, 183, 187, 223, 227, 245, 248, 249, 250, 252, 255, 260, 261, 262, 282, 285, 347
Idiomas 4, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38
Índico 351, 353, 355, 356, 359
Innovación 90, 92, 98, 109, 111, 113, 114, 117, 182, 183, 319, 326, 327
Inovação 55, 88, 234, 266, 273
Insomnio 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197
Interacción 114, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 144, 145, 146, 176, 180, 194, 253
Investigaciones Filosóficas 290, 293, 294, 295, 304, 306

K

Kahoot 32, 33, 34, 38

L

Libertad 125, 128, 132, 143, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 309, 312, 316, 339, 340, 341, 344, 345, 347

M

Manuel Belgrano 340, 341, 342, 348, 360
Materiais Didáticos 55, 59

Matriz de transición 148, 150, 151, 152, 155, 157, 158, 159, 160, 161
Mercantilismo 307, 308, 309, 311, 312, 313, 316
Metodología 2, 19, 53, 55, 57, 87, 90, 93, 108, 113, 115, 150, 158, 172, 174, 177, 181, 184, 186,
189, 194, 204, 207, 208, 209, 213, 214, 215, 218, 244, 246, 276, 323, 334
Metodología cualitativa 218
Métodos de investigación 172, 173, 185, 186, 188
Métricas alternativas de investigación 173
México 20, 24, 25, 26, 28, 31, 32, 90, 98, 131, 132, 133, 153, 162, 171, 187, 244, 245, 254, 256,
257, 258, 259, 262, 263, 264, 289, 309, 317, 319, 320, 321, 329
Migração 1, 7, 12
Modelo Digital 317
Modelos Compartimentados Discretos 147, 148, 154, 155, 157
Modelos Matemáticos 149, 148, 150, 153, 162, 174
Mounce 290, 291, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305
Mujeres 21, 133, 195, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 346
Mundivídências 39, 43, 47, 52
Music 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

O

Occidente 307, 309
ONGs 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276

P

Políticas sociales 218, 219, 223, 225, 226
Proyectos educativos 109, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118
Psicomotricidad 163, 165, 166, 171

R

Rádio Clube Português 229, 230, 232, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243
Realismo 290, 291, 292, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305
Redes sociais 265, 266, 267, 268, 271, 273, 275, 276
Relação familiar 204, 214

S

Segunda natureza 278, 279, 280
Simbolismo 17, 23, 29

Simulación 148, 150, 152, 153, 155, 159, 160, 161, 162

Students 40, 56, 91, 99, 100, 103, 104, 105, 107, 108, 136, 148, 155, 173, 188, 190, 196, 197

Sueño 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 345

T

Teorías pedagógicas 1

Territorio 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 29, 30, 121, 126, 132, 188, 221, 230, 235, 244, 245, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 260, 261, 262, 323, 332, 342, 353, 355

Trivia virtual 32, 33, 35, 36, 37, 38

U

University 1, 31, 91, 100, 103, 104, 107, 108, 110, 119, 133, 136, 155, 196, 263, 276, 277, 305, 328, 339

V

Valoración 20, 114, 129, 182, 186, 330, 331, 332, 333, 337, 338

Violencia y Paz 119

Voluntad 25, 261, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

W

Wittgenstein 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306